



PROVA COMENTADA

CESPE

LÍNGUA PORTUGUESA

(aplicada dia 28/02/2016)

PROF. JOÃO BOLOGNESI

ABRIL DE 2016

Língua Portuguesa

O meu antigo companheiro de pensão Amadeu Amaral Júnior, um homem louro e fornido, tinha costumes singulares que espantavam os outros hóspedes.

Amadeu Amaral Júnior vestia-se com sobriedade: usava uma cueca preta e calçava medonhos tamancos barulhentos. Alimentava-se mal, espichava-se na cama, roncava o dia inteiro e passava as noites acordado, passeando, agitando o soalho, o que provocava a indignação dos outros pensionistas. Quando se cansava, sentava-se a uma grande mesa ao fundo da sala e escrevia o resto da noite. Leu um tratado de psicologia e trocou-o em miúdo, isto é, reduziu-o a artigos, uns quarenta ou cinquenta, que projetou meter nas revistas e nos jornais e com o produto vestir-se, habitar uma casa diferente daquela e pagar ao barbeiro.

Mudamo-nos, separamo-nos, perdemo-nos de vista. Creio que os artigos de psicologia não foram publicados, pois há tempo li este anúncio num semanário: “Intelectual desempregado. Amadeu Amaral Júnior, em estado de desemprego, aceita esmolas, donativos, roupa velha, pão dormido. Também aceita trabalho”. O anúncio não produziu nenhum efeito.

Muita gente se espanta com o procedimento desse amigo. Não sei por quê. Eu, por mim, acho que Amadeu Amaral Júnior andou muito bem. Todos os jornalistas necessitados deviam seguir o exemplo dele. O anúncio, pois não. E, em duros casos, a propaganda oral, numa esquina, aos gritos. Exatamente como quem vende pomada para calos. Graciliano Ramos. Um amigo em talas. In: Linhas tortas. Rio de Janeiro: Record, 1983, p. 125 (com adaptações).

Com relação às ideias e aos aspectos linguísticos do texto *Um amigo em talas*, julgue os itens que se seguem.

1. (CESPE) “Leu um tratado de psicologia e trocou-o em miúdo, isto é, **reduziu-o a artigos**, uns quarenta ou cinquenta, que projetou meter nas revistas e nos jornais e com o produto vestir-se, habitar uma casa diferente daquela e pagar ao barbeiro.”

A substituição do pronome “o”, em “reduziu-o a artigos”, por “lhe” preservaria a correção gramatical do texto.

Alternativa errada.

Os temas correlacionados na questão são regência e pronome átono. O verbo reduzir traz a seguinte regência: quem reduz, reduz algo (objeto direto) a outra coisa (objeto indireto). Acompanhe a análise da oração:

“reduziu-o a artigos”

- sujeito oculto: ele = Amadeu Amaral Júnior

- reduziu = verbo transitivo direto e indireto

- o = objeto direto

- a artigos = objeto indireto

A banca, ao propor a troca de “o” por “lhe”, troca-se também a função, retira-se o objeto direto “o” e insere-se um errado objeto indireto “lhe”, pronome que não se encaixa na sintaxe do verbo, já que “lhe” jamais substitui objeto direto. Com a proposta da banca passaríamos a ter dois objetos indiretos, algo inadequado à sintaxe de reduzir.

2. (CESPE) “Creio que os artigos de psicologia não foram publicados, pois há tempo li este anúncio num semanário: ‘Intelectual desempregado. Amadeu Amaral Júnior, em estado de desemprego, aceita esmolas, donativos, roupa velha, pão dormido. **Também aceita trabalho**’. O anúncio não produziu nenhum efeito.”

O sujeito da oração ‘também aceita trabalho’ está elíptico e se refere a ‘Amadeu Amaral Júnior’, o que justifica o emprego da forma verbal “aceita” na terceira pessoa do singular.

Alternativa correta.

Nesse tipo de questão, prevalece a interpretação de texto e a observação de como a informação tematizada progride e se organiza. No trecho anterior, temos “Amadeu Amaral Júnior...aceita esmolas...” e na sequência “Também aceita trabalho”. Devido à proximidade e ao paralelismo de aceita, infere-se o sujeito na oração em análise, ou seja, quem aceita esmolas, bem como aceita trabalho é a mesma pessoa: Amadeu Amaral Júnior.

3. (CESPE) “Muita gente se espanta com o procedimento desse amigo. **Não sei por quê**. Eu, por mim, acho que Amadeu Amaral Júnior andou muito bem.”

Sem prejuízo para a correção gramatical do período, a expressão “por quê” poderia ser substituída por “o porquê”.

Alternativa correta.

Nesse tipo de construção, cabem os dois usos. Observe os significados:

. por quê = por qual razão

. o porquê = o motivo

Ambas as trocas se encaixam:

“Muita gente se espanta com o procedimento desse amigo. Não sei por qual razão.”

“Muita gente se espanta com o procedimento desse amigo. Não sei o motivo.”

Vale a pena notar que a forma original “por quê” recebe acento por estar em final de frase, junto a sinal de pontuação; já a forma “porquê” recebe acento por ser substantivo e nele se aplica a regra das oxítonas terminadas em “e”. Na substantivação de “porquê” há a ocorrência de determinante, no caso em análise, do artigo “o”.

Questão parecidíssima já caiu em concurso da ESAF:

(ESAF) “Se um lado ou outro aparenta vantagem na contagem das urnas, não faz diferença. O que importa é extinguir o Grande Medo. E nem um lado nem outro poderia fazê-lo. Todos sabemos muito bem porquê.”

A última palavra do texto merece reparo. Há duas expressões que a substituiriam com a devida correção gramatical: 1) **por quê** e 2) **o porquê**.

Alternativa correta e a justificativa é a mesma estudada acima.

4. (CESPE) “Creio que os artigos de psicologia não foram publicados, pois há tempo li este anúncio num semanário: ‘Intelectual desempregado. **Amadeu Amaral Júnior, em estado de desemprego, aceita esmolas, donativos, roupa velha, pão dormido.** Também aceita trabalho’. O anúncio não produziu nenhum efeito.”

As vírgulas em “Amadeu Amaral Júnior, em estado de desemprego, aceita esmolas, donativos, roupa velha, pão dormido” foram todas empregadas para separar itens de uma enumeração.

Alternativa errada.

Há uma sequência que realmente separa itens de uma enumeração: “...aceita esmolas, donativos, roupa velha, pão dormido.”. Mas há outro trecho em que o uso da vírgula se justifica por isolar termo intercalado, isto é, por isolar um adjunto adverbial: “Amadeu Amaral Júnior, em estado de desemprego, aceita...”.

5. (CESE) Para o narrador, seu amigo Amadeu Amaral Júnior não foi imprudente ao publicar anúncios oferecendo os seus serviços.

Alternativa correta.

Lê-se, no último parágrafo do texto, trecho em que o autor demonstra com várias evidências seu posicionamento favorável em relação ao anúncio do amigo:

“Muita gente se espanta com o procedimento desse amigo. Não sei por quê. Eu, por mim, acho que Amadeu Amaral Júnior andou muito bem. Todos os jornalistas necessitados deviam seguir o exemplo dele. O anúncio, pois não. E, em duros casos, a propaganda oral, numa esquina, aos gritos. Exatamente como quem vende pomada para calos.”

6. (CESPE) Os costumes peculiares de Amadeu Amaral Júnior são apresentados no segundo parágrafo do texto.

Alternativa correta.

Não há dificuldades em identificar no segundo parágrafo os “costumes singulares” de Amadeu:

“Amadeu Amaral Júnior vestia-se com sobriedade: usava uma cueca preta e calçava medonhos tamancos barulhentos. Alimentava-se mal, espichava-se na cama, roncava o dia inteiro e passava as noites acordado, passeando, agitando o soalho, o que provocava a indignação dos outros pensionistas. Quando se cansava, sentava-se a uma grande mesa ao fundo da sala e escrevia o resto da noite.”

7. (CESPE) De acordo com o texto, os hóspedes da pensão ficavam espantados com os anúncios de jornal referentes a Amadeu Amaral Júnior.

Alternativa errada.

Questão também de fácil resposta, pois bastaria distinguir dois momentos do texto: hóspedes espantados pelos costumes de Amadeu e muita gente espantada com o anúncio. Percebe-se que a banca formula a questão misturando as pessoas espantadas.

8. (CESPE) Para caracterizar o personagem Amadeu Amaral Júnior, o narrador combina, no segundo parágrafo, recursos dos tipos textuais narrativo e descritivo.

Alternativa correta.

É uma questão bastante interessante para criar diferenças entre descrição e narração. Tanto em descrição como em narração pode haver uma sequência de ações, porém há uma distinção: na narração a ação se desenvolve, desdobra-se, uma ação conduz a outra, a ação anterior vincula-se à posterior, a ação do personagem tem sequência, ele percorre o tempo e o espaço da narrativa, há liame, há uma sequência de ações inter-relacionadas e interdependentes, as ações se enredam. Por isso, uma das características narrativas é o enredo.

Então, dizer “a torcida vibrou, o jogador chutou bem e o gol enfim aconteceu” é descrição; já dizer “o jogador conduziu a bola, driblou dois ou três adversários, enganou o goleiro e chutou enfim para o gol” é narração.

Vamos observar no segundo parágrafo tal distinção (trecho descritivo em verde; trecho narrativo em azul)

“Amadeu Amaral Júnior vestia-se com sobriedade: usava uma cueca preta e calçava medonhos tamancos barulhentos. Alimentava-se mal, espichava-se na cama, roncava o dia inteiro e passava as noites acordado, passeando, agitando o soalho, o que provocava a indignação dos outros pensionistas. Quando se cansava, sentava-se a uma grande mesa ao fundo da sala e escrevia o resto da noite. Leu um tratado de psicologia e trocou-o em miúdo, isto é, reduziu-o a artigos, uns quarenta ou cinquenta, que projetou meter nas revistas e nos jornais e com o produto vestir-se, habitar uma casa diferente daquela e pagar ao barbeiro.”

O homem que só tinha certezas quase nunca usava ponto de interrogação. Em seu vocabulário, não constavam as expressões: talvez, quiçá, quem sabe, porventura.

Parece que foi de nascença. Ele já teria vindo ao mundo assim, com todas as certezas junto, pulou a fase dos porquês e nunca soube o que era curiosidade na vida. Cresceu achando natural viver derramando afirmações pela boca.

A notícia espalhou-se rapidamente. Não demorou muito para se tornar capa de todas as revistas e personagem assíduo dos programas de TV. Para cada pergunta havia uma só resposta certa e era essa que ele dava, invariavelmente, exterminando aos pouquinhos todas as dúvidas que existiam, até que só restou uma dúvida no mundo: será que ele não vai errar nunca? Mas ele nunca errava, e já nem havia mais o que errar, uma vez que não havia mais dúvidas.

Um dia aconteceu um imprevisto, e o homem que só tinha certezas, quem diria, acordou apaixonado. Para se assegurar de que aquela era a mulher certa para ele, formulou cento e vinte perguntas, as quais ela respondeu sem vacilar. Os dois se amaram noites adentro, foram a Barcelona, tiraram fotos juntos, compraram álbuns, porta-retratos... Desde então, por alguma razão desconhecida, o homem que só tinha certezas foi perdendo todas elas, uma por uma. No início ainda tentou disfarçar. Mas as dúvidas multiplicavam-se como praga, espalhavam-se pelo mundo, e agora, meu Deus? Deus existe? Existe sim. Ou será que não? Ele não estava bem certo.

Adriana Falcão. O homem que só tinha certezas. In: O doido da garrafa. São Paulo: Planeta do Brasil, 2003, p. 75 (com adaptações).

Julgue os itens seguintes, referentes aos aspectos linguísticos e às ideias do texto O homem que só tinha certezas.

9. (CESPE) “A notícia **espalhou-se** rapidamente. Não demorou muito para se tornar capa de todas as revistas e personagem assíduo dos programas de TV.”

A supressão da partícula “se”, em “espalhou-se”, prejudicaria a correção gramatical do texto e seu sentido original.

Alternativa correta.

O verbo espalhar permite várias formas de construir e, na maioria das vezes, essa variação tende a alterar o sentido. Tal fato é o invocado na alternativa, pois as formas espalhar e espalhar-se não produzem o mesmo sentido.

10. (CESPE) “Mas ele nunca errava, e já nem havia mais o que errar, uma vez que não havia mais dúvidas.”

A forma verbal “havia”, em “não havia mais dúvidas”, poderia ser corretamente substituída por “existia”.

Alternativa errada.

Questão clássica envolvendo haver e existir. O verbo haver, quando é sinônimo de existir, é classificado como impessoal, forma oração sem sujeito e deve ficar no singular. No trecho, o termo “mais dúvidas” é objeto direto do verbo haver.

Ao trocar pelo verbo existir, surge uma nova sintaxe, pois existir sempre traz sujeito, com o qual deve concordar. O termo “mais dúvidas” passa a ser o sujeito de existir, exigindo, portanto, a concordância plural:

. Haver = “não havia mais dúvidas” / mais dúvidas – objeto direto

. Existir = “não existiam mais dúvidas” / mais dúvidas – sujeito

11. (CESPE) “Mas ele nunca errava, e já nem havia mais o que errar, **uma vez que** não havia mais dúvidas.”

A locução “uma vez que” introduz, no período em que ocorre, ideia de causa.

Alternativa correta.

Para uma prova de concurso público, é imprescindível ter em mente a classificação das principais conjunções. Por exemplo, na lista das conjunções causais estão: porque, já que, visto que, uma vez que, dado que, tendo em vista que, na medida em que.

Nas lições sobre as conjunções, em alguns casos bem específicos, elas podem trazer mais de um sentido, a depender da construção. É o caso de “uma vez que”:

. *Uma vez que = conjunção causal*

Ele não pagou a conta, uma vez que o banco já estava fechado.

. *Uma vez que = conjunção temporal*

Uma vez que ele esteve aqui, falou muito sobre os irmãos.

No texto, o sentido causal é bastante evidente, o que evita confusões.

12. (CESPE) “O homem **que só tinha certezas** quase nunca usava ponto de interrogação. Em seu vocabulário, não constavam as expressões: talvez, quiçá, quem sabe, porventura.”

O sentido original do texto seria alterado caso a oração “que só tinha certezas” fosse isolada por vírgulas.

Alternativa correta.

Trata-se da clássica questão envolvendo a oração subordinada adjetiva e o uso da vírgula. Os pronomes relativos introduzem as orações adjetivas e, com base na vírgula, nasce a seguinte distinção:

- oração subordinada adjetiva restritiva: *não vem isolada com vírgula*
- oração subordinada adjetiva explicativa: *vem isolada entre vírgulas*

Com essas noções chega-se ao sentido:

- oração subordinada adjetiva restritiva: *seu sentido indica a parte de um todo, busca-se particularizar, diferenciar, sempre uma parte do todo, um subgrupo do grupo;*

- oração subordinada adjetiva explicativa: *seu sentido indica uma totalidade, não se quer diferenciar; de maneira geral, fala-se de um todo ou de uma pessoa.*

Assim, na frase da prova “O homem que só tinha certezas quase nunca usava ponto de interrogação”, a oração adjetiva restritiva indica que, entre os homens, há um com certezas somente, quer-se distinguir, marcar como um homem diferente dos demais, fala-se da parte de um todo.

Com o uso da vírgula, altera-se a classificação para oração adjetiva explicativa e, conseqüentemente, o sentido também se alterará, designando agora o atributo de um homem, sem a intenção de diferenciar.

Com o uso das vírgulas, o sentido original seria alterado.

A quem interessar, neste blog leia mais sobre o tema em: “O sentido nas orações adjetivas”.

<http://joabolognesi.com/2016/03/29/o-sentido-nas-oracoes-adjetivas/>

13. (CESPE) O narrador do texto sugere que o personagem central adquiriu paulatinamente a habilidade de ter certezas.

Alternativa errada.

Interpretação de texto bastante simples, pois a paráfrase do texto não exige informações implícitas, mas apenas a confirmação no seguinte trecho: “Parece que foi de nascença. Ele já teria vindo ao mundo assim, com todas as certezas junto, pulou a fase dos porquês e nunca soube o que era curiosidade na vida”.

14. (CESPE) Conclui-se do texto que a fama do personagem central e o interesse das pessoas por ele devem-se ao fato de ele jamais ter mentido nas respostas às questões que lhe eram propostas.

Alternativa errada.

Interpretação de texto também bastante simplória. O que atrai as pessoas é o homem não ter dúvida e jamais o fato de ele não mentir. Tal informação extrapola o texto; em momento algum o texto fala sobre mentira, mas sim sobre certeza.

15. (CESPE) Depreende-se do texto que o personagem principal perdeu repentinamente a capacidade de ter certezas devido ao fato de ter se apaixonado.

Alternativa errada.

No trecho “Desde então, por alguma razão desconhecida, o homem que só tinha certezas foi perdendo todas elas, uma por uma”, a formação verbal “foi perdendo” deixa bem evidente a noção de algo progressivo, gradativo, e não repentino.

16. (CESPE) Infere-se do trecho “derramando afirmações pela boca” que o homem que só tinha certezas falava demasiadamente.

Alternativa errada.

Nota-se significativa diferença entre falar demasiadamente e falar certezas, afirmações, extravasando-as, falando-as abundantemente. Pode-se falar o que quiser; mas o homem falava certezas, portanto o que ele derramava não era o excesso de palavras, não era o falar muito, mas sim era o excesso de convicção, de afirmações, de certeza.

Senhores Dirigentes de Recursos Humanos,

Encaminho, anexos, os procedimentos operacionais para a inclusão de parcela remuneratória percebida em razão do local de trabalho e do exercício de cargo ou função de confiança para servidor participante do plano de benefícios da FUNPRESP.

Esclareço que, até o desenvolvimento da funcionalidade específica no sistema, a inclusão das parcelas mencionadas somente será realizada pela unidade pagadora do servidor, e deverá ser utilizado o mesmo campo de desconto de PSS.

Atenciosamente,

Ana Maria
Coordenadora-Geral

No que se refere ao trecho de documento anteriormente apresentado, julgue os itens subsequentes com base no que dispõe o Manual de Redação da Presidência da República (MRPR).

17. (CESPE) O documento está adequado no que se refere aos critérios de concisão e de uso do padrão culto da língua portuguesa previstos no MRPR.

Alternativa correta.

O documento não traz erro gramatical e há redação clara e bastante objetiva. Por isso, apresenta os quesitos exigidos pela questão.

18. (CESPE) Por se tratar de encaminhamento, é dispensável a numeração dos parágrafos do documento.

Alternativa errada.

A única questão duvidosa na prova, construída de maneira insuficiente. Sobre este ponto, o Manual não tem uma declaração explícita. Há dois trechos que tratam indiretamente disso, mas não permitem uma conclusão pontual. Observe os dois trechos:

Primeiro, uma informação geral:

“Os parágrafos do texto devem ser numerados, exceto nos casos em que estes estejam organizados em itens ou títulos e subtítulos.”

Mais à frente, ao tratar do encaminhamento de documentos:

“...se o autor da comunicação desejar fazer algum comentário a respeito do documento que encaminha, poderá acrescentar parágrafos de desenvolvimento; em caso contrário, não há parágrafos de desenvolvimento em aviso ou ofício de mero encaminhamento.”

Como se nota, há uma regra geral e há uma abordagem específica ao encaminhamento, em que se omite informação sobre numeração de parágrafo. Como a alternativa é errada, a banca deve ter seguido a regra geral para os encaminhamentos em que se acrescentam parágrafos de desenvolvimento.

19. (CESPE) Caso o referido documento seja enviado por email, o vocativo poderá ser adequadamente substituído por “Ilustríssimos Senhores”.

Alternativa errada.

O superlativo “ilustríssimos” foi abolido pelo Manual de Redação da Presidência da República, como se lê no seguinte trecho: “...fica dispensado o emprego do superlativo ilustríssimo para as autoridades que recebem o tratamento de Vossa Senhoria e para particulares. É suficiente o uso do pronome de tratamento Senhor”.

20. (CESPE) O texto apresentado poderia ser adequadamente encaminhado como mensagem.

Alternativa errada.

Mensagem é “o instrumento de comunicação oficial entre os Chefes dos Poderes Públicos, notadamente as mensagens enviadas pelo Chefe do Poder Executivo ao Poder Legislativo para informar sobre fato da Administração Pública; expor o plano de governo por ocasião da abertura de sessão legislativa; submeter ao Congresso Nacional matérias que dependem de deliberação de suas Casas; apresentar veto; enfim, fazer e agradecer comunicações de tudo quanto seja de interesse dos poderes públicos e da Nação”.

O expediente da prova traz usos inadequados para mensagem. Este documento traz o local e a data no final do texto, à margem direita. Por ser documento produzido pelo Presidente da República, não traz identificação do signatário. Também não se usa o fecho. Tais características destoam do texto da prova.